

Estudantes, o Fotógrafo e a História: Encontro na Bahia, 1979

ANA MARIA MAUAD*

Resumo

O texto analisa a atuação do fotojornalista Milton Guran, na cobertura fotográfica do XXXI Congresso da UNE, realizado na cidade de Salvador (BA) em 1979, feito de forma independente, e seu principal produto, o fotolivro: "Encontro na Bahia 79". O estudo apoia-se nas reflexões do filósofo italiano Giorgio Agamben, em que a fotografia se plasma como gesto de engajamento à causa de resistência ao regime militar brasileiro e de luta pelos direitos civis no Brasil. A metodologia da história oral sustenta o trabalho de reconstrução da memória histórica do XXXI Congresso da UNE, com foco no ano de 1979, entrecruzando-se palavras e imagens do acontecimento com as notícias produzidas na época e documentação complementar.

Palavras-chave: Milton Guran; fotografia; movimento estudantil; ditadura militar.

Fecha de recepción: 13-3-2018

Fecha de aceptación: 21-09-2018

Students, the Photographer and the History: Meeting in Bahia, 1979

Summary

The article analyses the independent photographic coverage of the photojournalist Milton Guran, during the XXXI Congress of UNE, that happened in Salvador, Bahia, in 1979 and this main result, the photo book: "Encontro na Bahia 79". The study is based upon the reflections of the Italian philosopher Giorgio Agamben, in which photography is shaped as gesture of commitment to the cause of resistance to the military regime and to the fight for civil rights in Brazil. Oral history methodology sustains the work of reconstruction of the historical memory of the XXXI Congress of UNE, focusing on the year of 1979, intertwining words and images of the event with press news produced at this period and complementary documentation.

Keywords: Milton Guran; Photography; Students' Movement; Military Dictatorship.

Entre 1968 y 1989 hay 1979, un año cualquiera. Nada indica, en principio, que esta fecha sea más relevante que otras. Sin embargo, al recopilar algunos de los acontecimientos de aquel año, enseguida emerge una constelación de hechos, obras, textos, imágenes, películas, canciones y objetos que, a pesar de que en un primer momento no parecen compartir más que la fecha, sugieren muy pronto una inflexión histórica. 1979 vio la llegada al poder de Margaret Thatcher, el fin de una década intensa en Italia con el encarcelamiento de figuras como Antonio Negri, dos revoluciones clave, todavía hoy día, como la de Nicaragua y la de Irán, así como una larga lista de microacontecimientos que algunas fotografías podían haber logrado captar y retener.

Folder, p.1

1979 es el año que marca un punto de inflexión para el posfordismo, cerrando una década violenta pero rica en la comprensión de las nuevas dinámicas del capitalismo, un lapso de tiempo que, visto desde una perspectiva cultural, estará marcado pela posmodernidad, la forma cultural que Frederic Jameson asoció al tardocapitalismo. 1979 es también el año que Michel Foucault dicta su curso sobre el nacimiento de la biopolítica, una interrogación sobre los límites de la acción de gobierno que, cada vez más, se acerca al control de la vida. Tampoco es casualidad que aquel año sea el año en el que se da inicio en Barcelona a un gobierno local elegido democráticamente y se lleva a cabo una encuesta urbana que fundaría los proyectos futuros de la ciudad. El año, en definitiva, que puede ayudarnos a reinterpretar nuestro pasado inmediato sin caer en narrativas precocinadas.

Folder, p.2

Essa preciosa síntese histórica encontra-se no folder explicativo da exposição organizada em La Virreina Centre de la Imatge, na cidade de Barcelona, entre 11 de março e 12 de junho de 2011 (www.virreina.bcn.cat). Com o sugestivo título de: "1979 – Un monumento a instantes radicales", a exposição dividia-se em duas grandes seções – "A estética da resistência" e "Revoluções" – em que fotos, vídeos, textos, falas, músicas interligavam-se em uma proposta radical de reconstrução histórica. A justificativa para a escolha de 1979, como o ponto de virada para uma nova compreensão do tempo presente, orientou-se pela perspectiva de compreender o capitalismo como condição histórica.

Lançar um olhar de 360° graus em torno de um momento histórico permite que se observe o passado por vários ângulos e escalas, colocando em evidência atitudes que passaram despercebidas às análises de conjuntura política. Neste texto, debruça-se sobre a atuação do então fotojornalista Milton Guran,¹ em sua cobertura fotográfica independente do XXXI Congresso da UNE, realizado em Salvador (BA) em 1979, que resultou na publicação de um fotolivro – *Encontro na Bahia 79* (Guran, 1979) – engajado à causa de resistência ao regime militar então em curso no Brasil e de tomada de posição face ao movimento de retorno ao estado de direito. Apoia-se na metodologia da história oral para reconstruir a memória histórica do acontecimento em especial do ano de 1979, em consonância com as notícias produzidas na época e outras expressões visuais.

* Doctora en Historia por la Universidad Federal Fluminense (UFF). Es Profesora Titular de Historia en la Universidad Federal Fluminense y Celso Furtado. Visiting Fellow, Cambridge University (2018). Sus intereses son la historia visual, historia oral e historia pública. Correo electrónico: anamaud@id.uff.br

¹ Milton Guran, doutor em Antropologia pela Ecoles des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França, pesquisador associado do LABHOI-UFF e coordenador geral do FotoRio, Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro

“Encontro na Bahia”, a cobertura fotográfica e o livro

A iniciativa de Guran de lançar-se na cobertura fotográfica do encontro dos estudantes na Bahia, em 1979, se inscreve no contexto de surgimento de uma nova atitude em relação à prática fotográfica por uma geração de fotógrafos e fotógrafas responsáveis pelo movimento das agências independentes (véase “Ciclo de Palestras sobre Fotografia”, 1983). Uma geração formada por jovens entre 20 e 30 anos que chamou para si o direito e o dever de serem testemunhas oculares (da história) do seu tempo. Assim, munidos de câmeras e de rolos de filmes Tri-X rebobinados –o custo das películas a cores eram proibitivos– se engajaram na documentação das lutas sociais e, em um gesto autoral, enquadraram a memória produzindo uma história em imagens.²

Objetiva-se tomar as diferentes práticas fotográficas como formas da experiência de ver e conhecer no mundo contemporâneo, em que o engajamento político à uma causa implica em um gesto autoral (Agamben, 2007). Das trajetórias que venho recompondo, a do fotógrafo e antropólogo Milton Guran é significativa para se compreender os múltiplos usos de funções da fotografia como experiência social, num momento histórico em que a prática fotográfica se delineia como experiência política e a câmera torna-se “uma arma carregada de futuro”.³

Na composição deste trabalho, utiliza-se a metodologia da história oral, com a realização de entrevistas temáticas, acompanhadas das imagens produzidas na cobertura do XXXI Congresso da UNE,⁴ que foram publicadas no livro *Encontro na Bahia 79*, poucos meses após o evento, como uma estratégia de torná-lo um acontecimento público (Guran, 1979).⁵ Este livro foi uma das primeiras iniciativas de um fotógrafo a se opor abertamente à ditadura brasileira, produzido à maneira de “fotolivro”, é um registro completo do retorno à legalidade da entidade estudantil, que somente receberia a denominação de XXXI Congresso na plenária de abertura como é registrado na Foto 1.

.....
2 Vale observar que, uma atitude crítica em direção à prática fotográfica independente se gestava, no final dos anos 1970 e início de 1980, em fóruns de debate na América Latina. Especial destaque aos Colóquios Latino-Americanos de Fotografia realizados na Cidade do México em 1978 e 1981, com participação de representantes da fotografia brasileira. Sobre a participação do Brasil nesses fóruns e o seu impacto na institucionalização da fotografia brasileira, cf. Zerwes; Costa, 2017.

3 Em referência a Gabriel Celaya – *La poesia es un arma cargada de futuro* (1955).

4 União Nacional dos Estudantes – UNE – entidade estudantil fundada em 1938, no Rio de Janeiro, então Capital da República do Brasil, entrou para a clandestinidade com o golpe militar em 1964, retornando a legalidade após o XXXI Congresso em 1979.

5 A entrevista na íntegra e o livro digitalizado encontram-se no sítio do LABHOI-UFF www.labhoi.uff.br



Fuente: Guran, 1979: 12

Foto 1. “Por decisão da plenária, o Congresso recebe a denominação de XXXI Congresso da União Nacional dos Estudantes”⁶

Trata-se de uma publicação de 64 páginas, 21 x 21 cm, com 56 fotos, 17 sem legenda e as demais acompanhadas de legendas, em que se identificam pessoas, situações e dinâmicas do encontro estudantil. Publicado pela Livraria Galilei Editora, situada em Brasília, DF, o fotolivro, além da narrativa fotográfica, conta com elementos textuais que merecem destaque: o primeiro, um pequeno texto na primeira contracapa, assinado “Livraria Galilei Editora”, com as palavras dos editores responsáveis pela publicação. Diante da crescente censura de imagens publicadas em veículos da imprensa, os editores se posicionaram em defesa da fotografia: “na intenção de contribuir para que a fotorreportagem assumo o posto que sempre lhe pertenceu, resolvemos pela edição deste trabalho” (1ª contracapa).

O segundo, posicionado na parte interna da quarta capa, trata-se de um texto assinado por Milton Guran. Nele, o fotógrafo situa o fotojornalismo independente na resistência ao regime e contextualiza a cobertura fotográfica do evento em face dos demais veículos da imprensa e sua magnitude de mobilização política:

No caso específico do XXXI Congresso em Salvador, a cobertura dada pela imprensa a nível nacional ficou aquém da dimensão do acontecimento. Tão importante quanto as teses ali discutidas e as decisões tomadas foi o fato mesmo de se reunirem 10 mil jovens de todo o país, com formas próprias de trabalho, em sessões que chegaram a durar mais de 12 horas consecutivas –acontecimento inédito nos últimos 10 anos para nós. É também notícia quem são esses jovens que estão reconstruindo a entidade máxima dos estudantes brasileiros, tradicionalmente um instrumento de luta popular neste país e, por isso mesmo, maldita há 15 anos. (4ª capa)

.....
6 As fotografias relativas à cobertura de Milton Guran reproduzidas nesse artigo encontram-se publicadas no “fotolivro” com autorização do autor. O livro encontra-se na íntegra em versão digital em www.labhoi.uff.br

Na conclusão, Guran explica as motivações do trabalho e a origem da seleção das imagens que compõem o livro:

Mostrar o que foi realmente o XXXI Congresso é o objetivo deste trabalho, resultante de uma cobertura normal de *free-lancer* que por uma razão ou por outra não foi aproveitada pela imprensa. Na busca de caminhos próprios para a sua divulgação, este trabalho foi exposto pelo Centro Acadêmico da FAU na Universidade de Brasília, num conjunto de 61 fotografias, na semana seguinte ao Congresso. A seguir, esteve exposto no Diretório Acadêmico da Universidade do Distrito Federal, e foi ainda mostrado no Clube de Imprensa de Brasília. Milton Guran, Brasília, julho 79. (4ª capa)

A publicação ainda conta com mais duas ousadias, em plena ditadura militar, a dedicatória de Guran “A todos os companheiros presos, exilados e mortos na luta pela libertação do nosso povo” (p. 6) e logo na sequência, o prefácio, assinado pelo fotógrafo Luis Humberto,⁷ com data de julho de 1979, em que memória e resistência tornam-se faces da mesma moeda política: “No país da desmemória, todo mundo se esquece (...) mas, de quando em vez, aparece alguém sensível, com coragem para arriscar seu tempo e outras coisas, para reanimar os mortos-vivos, legar da memória aos que virão e lembrar que sempre existirá resistência e bravura para lutar pela liberdade” (p. 7).

A iniciativa do fotógrafo de se lançar no jogo da história, correndo os riscos reconhecidos no final dos anos 1970, serve assim de motivo para refletir sobre a fotografia como gesto e o engajamento como autoria (Agamben, 2007). A leitura de Agamben foi ao encontro de uma reviravolta epistemológica que venho ensaiando em outros trabalhos (Mauad, 2007; 2008), nos quais reflito sobre o engajamento como autoria e a autoria como a presença do sujeito-autor na obra. Na linha de Agamben, o autor é aquele cujo gesto de jogar com e nos dispositivos coloca em evidência a ausência de uma presença. Contraditoriamente, o sujeito que se apresenta numa foto não está mais presente, foi jogado na foto e sua existência como imagem implica na sua própria desaparecimento.

O autor da foto –o fotógrafo– opera um dispositivo que captura uma presença que definirá no futuro uma dupla ausência –do objeto fotografado e do próprio fotógrafo que não existe mais a não ser no fora de quadro, no fantasma de um alguém que some na bruma do tempo–. O gesto de jogar o sujeito na foto –de se jogar na imagem que expressa uma dada condição histórica– coloca o sujeito-fotógrafo em relação aos dispositivos da linguagem política. O jogo que se desenrola na arena política é apropriado pela expressão fotográfica e o gesto do fotógrafo instaura uma presença ausente –os que lá estavam não mais estarão, mas permanecerão com seu rosto, com sua identidade de sujeitos históricos, nas imagens que circularão e serão reproduzidas, apropriadas e analisadas no *vir-a-ser* da história.

.....
7 Luis Humberto Martins Pereira, Rio de Janeiro, 1934. Residente em Brasília desde 1962, integrou o núcleo fundador da Universidade de Brasília (UnB). Arquiteto de formação, trocou a arquitetura pela fotografia em 1966, destacando-se como um dos mais renomados fotojornalistas brasileiros.

Assim, a prática fotográfica cumpre uma função na cultura política do engajamento, pois confirma que o que aconteceu não será esquecido e, aqui, o engajamento a uma causa define o “autor como gesto” e garante a autoria como ação política. A fotografia, como parte da experiência histórica mais ampla, se orienta por meio de percursos nos quais cruzam-se o pessoal e o coletivo, da mesma forma que o local e o global. Essas dimensões fornecem espessura aos períodos históricos e seus acontecimentos, reorientam a compreensão em que os contextos deixam de ser considerados como pano de fundo da ação social e adquirem a capilaridade que alimenta a própria ação.

1979, a história em revista

Um dos poucos veículos da imprensa brasileira à época que cobriu o “encontro na Bahia” foi o carioca *Jornal do Brasil*. Em termos históricos, o *Jornal do Brasil* é o terceiro jornal mais antigo do país. Fundado em 1891, foi publicado diariamente até setembro de 2010, quando se tornou exclusivamente digital. Na época de sua criação, era um jornal conservador que apoiava a monarquia e, no começo do século XX, passou por uma fase de pouco prestígio. No golpe militar de 1964, o jornal carioca chegou a sofrer censura depois da promulgação do AI5, porém, mais adiante lucrou ao apoiar o regime, com discursos reacionários e difamação dos opositores. No encerramento do mandato presidencial do general Geisel, o *Jornal do Brasil* (en adelante *JB*) considerou o seu legado bastante positivo, tendo sido alcançados os objetivos assumidos quando de sua posse. Segundo o jornal, o país estava “a caminho do restabelecimento do Estado de direito e em condições de reconstruir um padrão democrático”. Por sua vez, a posse do general Figueiredo, em março de 1979, foi vista como um momento de suma importância na definição dos rumos da política de abertura, tendo o *JB* elogiado as linhas gerais do discurso feito por ele ao assumir a Presidência da República, especialmente o seu compromisso de devolver ao país uma sociedade livre e democrática, demonstrando assim um elo de continuidade em relação ao seu antecessor (Ferreira, 1996; Louzada, 2013; DHBB, acesso 14/01/18).

Em 1979, Estados Unidos e URSS, em um cenário epílogo da guerra fria, ainda protagonizam aquele que ficou conhecido como “beijo da história”. Na edição de 19 de junho, o *JB* noticiava na primeira página que Brejnev e Carter assinaram o acordo SALT-II. Em clima de paz, acompanha o relato uma foto na qual o líder soviético beija o rosto do americano.

Fuente: *Jornal do Brasil*, 19/06/1979Foto 2. *Jornal do Brasil*, UPI

No cenário internacional, Irã e Nicarágua protagonizam novos papéis nas revoluções contemporâneas. Ao longo de todo o primeiro semestre de 1979, a narrativa da aceleração dos processos revolucionários, dividiria o noticiário internacional com a pressão do preço do petróleo pela OPEP e com a gradual abertura do mercado chinês. A China emergia no panorama internacional já no início do ano com a notícia, publicada em 2 de janeiro de 1979, no *JB*, da retomada das relações diplomáticas com os Estados Unidos. Em 6 de junho, a Rússia acenou à China com uma tentativa de aproximação, que prometeu considerar um encontro diplomático. Os analistas do *JB* consideraram que se tratava de uma tentativa sincera de aproximação; e que seria possível que ambas as potências considerassem este diálogo como uma forma de redefinir a relação de forças com os Estados Unidos.

No editorial “Geografia Democrática” (p.10), de dois de janeiro de 1979, a propósito da reconfiguração da geografia política internacional, o *JB* apresenta um balanço otimista do avanço da democracia no mundo, incluindo o Brasil na lista dos países a caminho de um regime cada vez mais democrático. Em sintonia com a abertura “lenta e gradual” do presidente Geisel (1974-1979), o noticiário nacional acompanhava a discussão sobre a elaboração da Lei da Anistia. As notícias, do segundo semestre, quando a lei já havia sido sancionada pelo presidente Figueiredo (1979-1985), concentravam-se nas informações sobre a volta dos exilados, entre eles, o sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho, o irmão do Henfil na inesquecível canção “O bêbado e o equilibrista”, de Aldir Blanc e João Bosco, imortalizada pela voz da cantora Elis Regina.

Pressionado pelos preços do petróleo impostos pela OPEP, o presidente Figueiredo declarou, conforme noticiado na edição do dia cinco de julho do *JB*, que

estaria preparando uma economia de guerra para enfrentar o problema. No dia 12 de julho, oficialmente, declarou-se o racionamento de petróleo. Na edição de domingo, dia 2 de dezembro do mesmo ano, o *JB* preparou um suplemento especial sobre a crise energética, criticando a política energética brasileira, por não ter, desde o choque de 1973, preparado uma infraestrutura de energia que tornasse a economia autônoma em relação ao petróleo importado.

Em 1979, o movimento estudantil ganhou destaque nas páginas do *JB*, devido aos movimentos de preparação do encontro da Bahia. A narrativa do processo de organização do encontro iniciou-se pelas resistências do regime. Na edição do *JB*, do dia 06 de janeiro, encontra-se uma breve menção a uma reunião em Salvador, marcada para fevereiro, a fim de discutir as condições de realização do Congresso de Recriação da União Nacional dos Estudantes.

Em 13 de janeiro, noticiou-se que o reitor da UFRJ havia proibido, respaldado na vigência do artigo que extinguiu a UNE, a reunião dos estudantes pró-UNE a ser realizada nas dependências da universidade. Na edição de 18 de fevereiro, noticiou-se o encerramento da reunião da Comissão Nacional Pró-UNE, em Salvador, a fim de organizar os preparativos e a arrecadação de fundos para o Congresso Nacional marcado para maio também na Bahia.

Em março, o *JB* publicou um balanço das diversas linhas do movimento estudantil em todo o Brasil que defendiam a volta da UNE e da principal discussão entre eles: se a entidade deveria se preocupar exclusivamente com as questões específicas dos estudantes ou também participar da movimentação política brasileira em geral, ou seja, aos moldes da UNE original (*Jornal do Brasil*, 18/03/1979, p.14). Em outra edição, o jornal noticiou a advertência enviada pelo MEC aos reitores das universidades federais esclarecendo que o encontro de reorganização da UNE marcado para o fim do mês era ilegal e não possuía respaldo do ministério; recomendando que fossem tomadas “as medidas cabíveis” para conter o processo de organização dos estudantes (*Jornal do Brasil*, 15/05/1979, p.15).

A matéria publicada em maio ressalta, ainda, o impasse que se posicionava à atuação do MEC: não apoiar nem proibir, apenas não reconhecer como entendida a interlocutora; já que o decreto-lei 477, que proíbe organizações estudantis aos moldes da UNE não poderia ser usado sem prejuízo político, uma vez que o próprio Ministro da Educação, Eduardo Portella, defendeu junto ao Presidente Figueiredo a extinção do decreto 477, o que se alinhava com o teor do discurso de abertura política adotado por todo o Executivo.

Os impasses terminam pela atuação da diplomacia baiana. A edição do *JB* de 22 de maio noticiou que o governador Antônio Carlos Magalhães cederia o Centro de Convenções para o Congresso de Reorganização por entender que “Ao que consta, é apenas uma reunião de estudantes”, segundo o mesmo (22/05/1979, p.15). O jornal também reporta que o governador forneceria cadeiras, aparelhagem de som e 20 ônibus para o transporte dos estudantes. O fornecimento de infraestrutura foi visto pelos opositores como um sinal de apoio aberto.

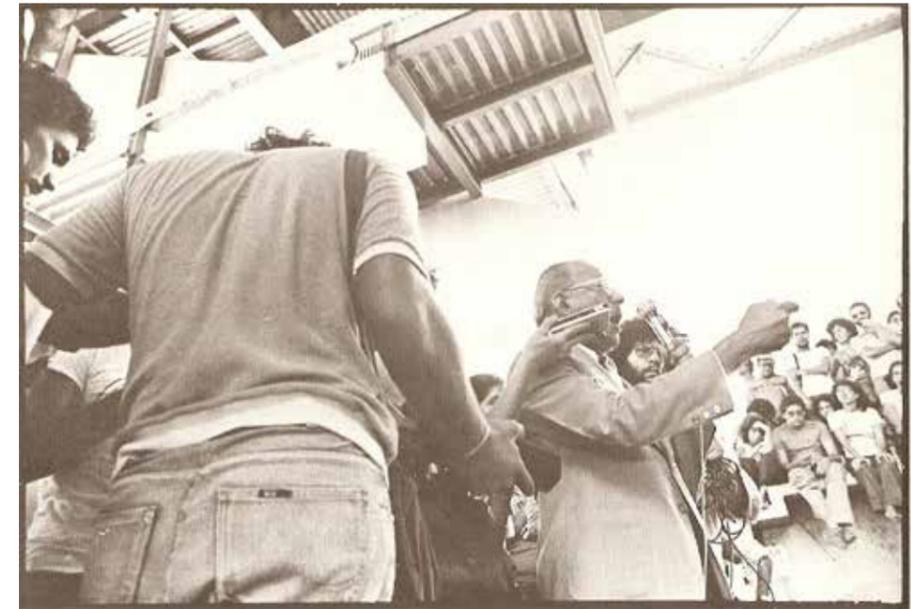
Em maio, o *JB* identificou um movimento no governo para apresentar ao Congresso a revogação dos Decretos 477 (lei de exceção que definia normas disciplinares e respectivas sanções para estudantes, professores e demais empregados de

instituições de ensino) e 228 (que reformula a organização da representação estudantil, regulamentando as atividades que DCEs e DAs devem exercer), além dos artigos 38º e 39º da Lei 5.540, que também restringiam a ação das organizações universitárias. Apresentou-se a medida como uma mão estendida pelo governo aos estudantes, entretanto, caberia a cada instituição de ensino definir as medidas disciplinadoras da ação estudantil. Apesar do clima de abertura, essa medida sequer mencionaria as organizações regionais e nacionais dos estudantes, nem para proibir nem para permitir (*Jornal do Brasil*, 23/05/1979, p.14).

Em consonância com a cobertura fotográfica de Guran, o *JB* noticiou, na edição do dia 29/05, o início do Congresso em Salvador que, segundo a reportagem do jornal, no dia anterior, os estudantes decidiram chamá-lo de XXXI Congresso da UNE, Congresso de Reconstrução, como vinha sendo indicado nos preparativos do encontro. As pautas mais sensíveis seriam a formação da diretoria e criação de uma carta de princípios e de um estatuto para a entidade. No dia de abertura estavam previstas, de acordo com a matéria do *JB*, as falas do presidente do DCE da UFBA, Rui César Costa Silva, de ex-dirigentes da extinta UNE, deputados do MDB e membros de comitês pela anistia. O encontro, primeira reunião aberta de estudantes em âmbito nacional desde 1964, contava com 3.165 inscritos, dos quais o *JB* estimou que mais de 2 mil conseguiram de fato comparecer. O que entra em desacordo com a informação apresentada no texto de Guran na conclusão do seu fotolivro, que indica a cifra de 10 mil estudantes, contados pela mesa diretora do Congresso. A guerra dos números e a configuração do acontecimento nas páginas do *JB* deixam claro a versão apresentada pela grande imprensa à retomada do movimento social no Brasil de então.

Segundo a reportagem, a pauta prevista para o Congresso incluiu os seguintes temas: “A Situação Atual da Universidade, A Realidade Brasileira, Balanços e Expectativas das Lutas Estudantis e Programação Cultural e Esportiva da UNE.” (*Jornal do Brasil*, 29/05/1979, p. 8) Além disso, a eleição de uma diretoria é outro ponto de intensa divergência, se a eleição deveria ser feita de forma direta, indireta, provisória, etc. Em entrevistas com os participantes, foram denunciadas ações da polícia rodoviária no sentido de reter os estudantes que se dirigiam ao congresso. A reportagem também comentou o apoio do MDB ao congresso, embora tenha afirmado, equivocadamente, que nenhum membro da executiva nacional tenha comparecido ao evento.

Essa notícia também entra em contradição com as informações apresentadas no fotolivro *Encontro na Bahia*. Observa-se em uma das fotos (p.18) a presença do deputado Freitas Nobre, líder do MDB, o partido de oposição ao regime militar.



Fuente:Guran, 1979: 18

Foto 3. “Deputado Freitas Nobre, líder do MDB na Câmara dos Deputados”

Um dos editoriais da edição do *JB* do dia 29 de maio, denomina o congresso da UNE de “Velho Realejo”. Acentua-se a posição do jornal em oposição à reorganização da UNE, considerada como uma forma de manipulação dos estudantes universitários (mais de um milhão) por um pequeno número sem mandato eletivo. Segundo o editorial, a retomada dessa organização seria uma atitude retrógrada, de agentes que pensam em termos do passado, do Brasil de 15 anos atrás. Inclusive, compreende-se que nem mesmo então a entidade tenha sido positiva: “A UNE foi, na verdade, um lamentável equívoco em todo o período constitucional que se encerrou em 64.” Segundo o editorial, a organização afasta os jovens em idade de iniciação política dos partidos políticos, opção que seria mais salutar para a sociedade brasileira. Além disso, critica-se as intenções dos organizadores: “Pela extinta UNE, o que se pretende é fazer reserva de domínio ideológico e patrulhamento político sobre os universitários.” (*Jornal do Brasil*, 29/05/1979, p. 10). O viés ideológico da leitura da retomada do movimento apresentada pelo jornal, não informa que os delegados foram eleitos dentro dos padrões normais de ação em uma entidade ilegal e semiclandestina. Aliás, o XXXI Congresso entrou para a história recente do país como uma demonstração exemplar e inesperada de organização e de democracia interna do movimento estudantil, que surpreendeu a todos, daí a tentativa do *JB* de empobrecê-la.

O *JB* do dia 30 de maio destaca, em primeira página com foto, o Congresso da UNE: “UNE abre seu congresso ante 5 mil”. A cobertura do evento toma toda a página 8 da edição, com destaque para as referências ao passado nas homenagens aos estudantes presos e desaparecidos em 1968, com a repressão do XXX Congresso em Ibiúna, São Paulo; a presença de políticos e militantes estudantis e o apoio de

entidades da sociedade civil, entre as quais, lideranças políticas e estudantis exiladas, membros da Igreja Católica, da Federação Mundial da Juventude Democrática e da União Internacional dos Estudantes, e até mesmo dos metalúrgicos do ABC por meio de Lula que, embora não estivesse presente, pode ter apoiado à distância a iniciativa.

Somente duas fotografias acompanham a reportagem, a primeira do presidente do DCE da Bahia, Rui César, na abertura do Congresso, no momento que aclamou como presidente de honra da UNE o ex-presidente da entidade desaparecido, Honestino Guimarães. Publicada, na primeira página, a fotografia mostra na margem direita a figura do palestrante discursando, abaixo à esquerda, uma multidão de estudantes e acima, na diagonal, muitos congressistas apinhados na escada de concreto, muitos com as pernas penduradas desde o alto. A segunda fotografia que acompanha a cobertura jornalística, na página 08, tem a seguinte legenda: “Estudantes aprovam a denominação de 31º Congresso da UNE”. Nessa imagem, enquadra-se uma multidão de costas com os braços erguidos, em perspectiva panorâmica.



Foto 4. Em detalhe a foto da 1ª página, Gildo Lima.

Fuente: *Jornal do Brasil*, 30/05/1979



Foto 5. Imagem da página 8 que acompanha a cobertura jornalística do evento, Artur Ikissima

Fuente: *Jornal do Brasil*, 30/05/1979

Na guerra de imagens, a cobertura feita por Guran, apresenta o outro lado da atuação dos estudantes, colocando em destaque o protagonismo da sigla UNE na retomada da cena política e da massiva participação estudantil, por meio de fotos em grande angular em que predominam jovens em movimento.



Foto 6. “29 de maio/79 – Rui Cesar, presidente DCE/Bahia inicia os trabalhos”

Fuente: Guran, 1979, p. 13



Fuente: Guran, 1979, p.14

Foto 7. "...nossa voz"

No *JB* do dia 30 de maio, as vozes dissonantes ao Congresso foram ouvidas. Em entrevista com o secretário de Ensino Superior do MEC, Guilherme de La Penha, as definições do Congresso de Salvador foram esvaziadas de sua importância. Para o secretário, tanta gente em tão pouco tempo não conseguiria chegar a nenhuma conclusão duradoura e sólida. Ainda segundo o secretário, o estudante brasileiro apresenta apatia política em todas as instituições nas quais tem voz e só deseja a volta da UNE por um impulso infantil de querer o que lhes é vetado. O congresso seria, assim, um *happening*, não uma reunião com propósitos sérios. Na mesma linha, a reportagem de Symona Gropper intitulada "Cinco mil jovens descontraídos", caracteriza os congressistas como jovens procurando diversão, comendo e bebendo exageradamente e dormindo em condições pouco confortáveis para comparecer ao evento do momento (*Jornal do Brasil*, 30/05/1979, p.13).

A edição do dia 31 de maio destaca em primeira página que "A UNE é livre, mas não tem caráter oficial". Na reportagem da página 8 informa que o governo não reconheceria a UNE como entidade representativa dos estudantes, mas também não pretendia proibi-la, porque seria contraditório com o período de abertura política. Nessa mesma edição, o jornal dedicaria um editorial à UNE, com o título "Vozes Vazias". O argumento central do texto recairia sobre a crise da representatividade do movimento estudantil como um todo, pois, segundo o jornal, nem o sistema eleitoral proporcional caucionaria a devida representatividade, nem entidades como a UNE representam de fato o corpo estudantil. Novamente, o artigo evoca a ideia de que a UNE seria um eco do passado, representando um Brasil diferente do atual e que não é capaz de representar nem sequer uma pequena parcela da população que é o corpo discente universitário. (*Jornal do Brasil*, 31/05/1979, p. 10)

O balanço dos resultados do Congresso foi apresentado na edição de 01 de junho, em reportagem onde foi relatado que depois de 32 horas de discussões,

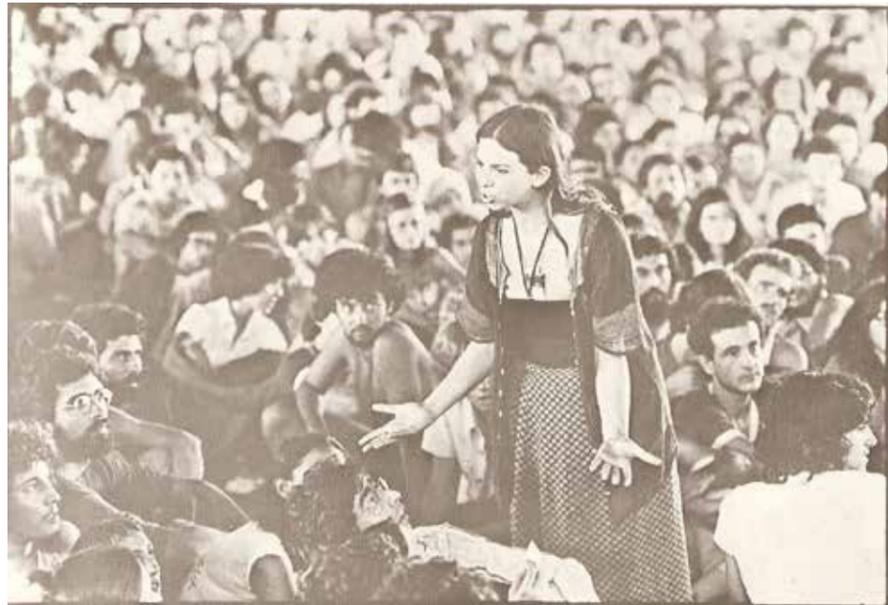
acabou na madrugada do dia 31 o 31º Congresso da UNE. Às 4:15 deliberou-se, após 5 horas de discussão do tema, que a eleição da direção seria direta e marcada para setembro, assumindo uma diretoria especialmente encarregada da organização destas eleições. Noticiou-se ainda a apresentação das principais pautas que orientariam a ação da UNE: a luta contra a instituição do ensino pago no Brasil; a favor de aumento nas verbas destinadas à educação; a favor da preservação da Floresta Amazônica; pela formação de uma constituinte livre, soberana e democrática; proceder à filiação das entidades estudantis de base (DAs, DCEs e UEEs) à UNE. A cobertura termina com um artigo intitulado "Muitas tendências para pouco tempo", assinado por Osvaldo Luiz Ramos, em que se apresenta um balanço da grande diversidade de tendências políticas presentes no congresso, comentando que considera terem tido os estudantes muito pouco tempo hábil para conciliar tantas posições. Mas pelo menos os objetivos mais básicos do encontro teriam sido cumpridos com sucesso: nem o governo reprimiu nem os estudantes fizeram distúrbios. (*Jornal do Brasil*, 01/06/1979, p.8)

Uma análise da narrativa visual construída pela cobertura fotográfica de Guran do XXXI Congresso da UNE, realizado em plena vigência da ditadura, evidencia-se temas que fundamentaram a pauta política da redemocratização, desconsiderados pela perspectiva adotada na cobertura jornal, com destaque para: o protagonismo das mulheres presentes explicitado em praticamente metade das fotos; o aparecimento do "Comitê de defesa da Amazônia" em uma faixa de apoio à UNE; a presença de um novo tipo de militante estudantil, e, por fim, o nível de organização e a seriedade dos trabalhos, já sublinhados no texto assinado pelo fotógrafo no verso da quarta capa.



Fuente: Guran, 1979: 33

Foto 8. Sem legenda. A centralidade da mulher na foto em pleno discurso, com postura firme e dedo em riste, observada pelos demais interlocutores, valoriza a emergência da mulher na cena pública da luta pela retomada dos direitos sociais



Fuente: Guran, 1979: 41

Foto 9. Sem legenda. Em primeiro plano a presença da mulher se destaca da massa de estudantes, ela é fotografada em plena defesa de suas ideias. Seu vestido, adereços e cabelos longos remete a moça da fotografia à comunidade de imagens em que habita a juventude da contracultura, do movimento hippie e das utopias socialistas



Fuente: Guran, 1979: 20

Foto 10. Sem legenda. O fotógrafo se utiliza do jogo de luz e sombra para compor a mensagem de apoio dos estudantes a causas nacionais, projetando-os como sujeitos políticos da retomada do estado de direito



Fuente: Guran, 1979: 54

Foto 11. “Mesa organiza as propostas”. A proximidade do fotógrafo à cena fotografada, misturando-se à ação estudantil, evidencia as formas de organização e o exercício da democracia dentro da UNE. Ao contrário da cobertura da grande imprensa, observa-se nas fotografias do livro a participação massiva dos estudantes nos debates e votações, indicando que todas as decisões foram tomadas coletivamente e com base em discussões exaustivas. Mais uma vez a figura da mulher está presente dentre os protagonistas principais de um momento crucial dos trabalhos

A produção do contexto pela exposição de 2011 e pela pesquisa no jornal de 1979 ganham novos contornos na rememoração. O fotógrafo e o seu olhar engajado orientam a construção de uma narrativa sobre o período, em que se deflagram conflitos relacionados à dimensão política da experiência fotográfica (Mauad, 2011).

A UNE somos nós, nossa força e nossa voz... Uma possível história com imagens.

Em 1979, com trinta anos de idade, o então fotojornalista Milton Guran parte munido de duas câmeras fotográficas –uma Nikon FM e uma Leica– e vários filmes Tri-X rebobinados, para uma cobertura jornalística autônoma do XXXI Congresso da UNE. Essa empreitada resultou, meses depois, na publicação de um livro, material composto por cinquenta e seis fotos que pelo gesto de registrar fotograficamente o acontecimento, o lança no jogo da história.

O envolvimento nesta cobertura jornalística do evento é assim explicado por Guran:⁸

É... Nós vivíamos uma campanha pela Anistia, a UNE continuava proscrita, estavam começando os movimentos de greves do ABC. Então, assistíamos uma retomada da sociedade civil como protagonista de primeira ordem da cena política brasileira. Eu era repórter no Congresso Nacional, e pude avaliar a importância que tinha esse congresso da UNE. Sobre o congresso da UNE, a história foi a seguinte, que é, aliás, a história desse livro. Eu era repórter no Congresso Nacional, como eu estou dizendo, e sentia a importância desse congresso na cena política brasileira, o engajamento dos partidos, principalmente do MDB na época. Sobretudo dos deputados da esquerda, da esquerda do MDB e (...) da importância que esse evento teria na tomada de temperatura do regime: por um lado as esquerdas iam tomar uma temperatura do regime, quer dizer, até onde o regime militar estava disposto a engolir sapo; e o regime militar tomava a temperatura da esquerda, até onde a esquerda vai se mostrar. E quem organizou isso, quer dizer, quem negociou a realização desse encontro foi o Antônio Carlos Magalhães, que era prefeito de Salvador, e ele emprestou para UNE, quer dizer, alugou por trinta dinheiros, não sei, o centro de convenções dele, que foi uma jogada muito boa, porque o centro de convenções era em um lugar afastado de Salvador. Era um super empreendimento, enorme e tudo e não havia sido inaugurado ainda e foi inaugurado com esse, com esse congresso que tomou o nome de... tomou o nome de... Encontro da UNE né? Encontro é... o Antônio Carlos não permitiu que fosse chamado de trigésimo primeiro congresso da UNE, por que a UNE era ilegal! Então seria um encontro e aí eu fui e fotografei. (...) Tentei vender essas fotos no mercado, eu era repórter, freelancer, eu tinha sido demitido do Jornal de Brasília em função da minha atividade sindical e trabalhava numa revista de cooperativas e atuava com 'frila'. Mas, não consegui vender foto para nenhum jornal, nenhuma revista, ninguém quis foto do congresso da UNE. O congresso abriu com os estudantes decidindo que aquele encontro se chamaria trigésimo primeiro congresso da UNE quer dizer, retomando toda uma tradição da UNE e desafiando o governo. Então o congresso adquiriu um peso político real, quer dizer ele já tinha peso, mas ele adquiriu uma identidade política real como um congresso de reconstrução da entidade máxima dos estudantes brasileiros que é uma referência na (...) vida política da organização das forças populares desse país. A UNE é uma força política importante, a UNE teve um papel decisivo em vários momentos da história, inclusive na luta pelo petróleo, assim por diante, podemos contar histórias belíssimas da UNE.⁹

A presença do fotógrafo como testemunha do acontecimento e a produção das imagens como registro de um movimento social não garantem a sua existência histórica. A experiência do acontecimento, no processo de enquadramento de memória feito por Guran (Pollak, 1989), foi negada pela grande imprensa, pois nenhum jornal

.....
8 Todos os trechos citados remetem à entrevista realizada em 3/09/2009, no Rio de Janeiro, com duração de 90 minutos, depositada no LABHOI, www.labhoi.uff.br .

9 Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M.

quis publicar as suas imagens do Congresso da UNE (embora o JB tenha fotografado o evento com seus próprios fotógrafos). O gesto de lançar-se na cobertura dos três dias de encontro, de colocar-se no jogo da ação social e de produzir o registro fotográfico é o que garantiu, na percepção do fotógrafo, a transformação da imagem do fato em *devir*.

O engajamento também era a marca da produção das imagens fotográficas, sendo que o próprio Guran, na época, estava envolvido nas lutas sindicais dos jornalistas por meio de participação ativa na “União dos Fotógrafos de Brasília”, havia sido ele próprio um militante da UNE, como recorda ao ser indagado:

Eu tinha trinta anos, mas tinha militado aos 20 anos, quando a UNE existia, eu fiz parte da UNE, a UNE entrou para a ilegalidade no golpe de 64 e nós continuamos atuando, inclusive no último congresso da UNE que caiu todo mundo em Ibiúna eu ia, mas tinha um colega meu que tinha muita vontade de ir, ele disse: pô, deixa eu ir cara, deixa eu ir, então vai cara, foi , caiu né. (...) No último Congresso de Ibiúna eu era do diretório da Escola de Comunicação.

As estratégias e táticas da ação autoral pelo engajamento orientam que, todo o circuito da produção do texto visual, seja apoiado pela noção de necessidade. É imperativo que o registro seja feito, há uma premência de que o acontecimento não se perca nos silenciamentos impostos pelo regime de exceção. Assim, o trabalho autoral de Guran só se realizaria com a veiculação das imagens, com a sua recepção por outros sujeitos, por outros estudantes que, pela experiência visual desdobrariam a ação social. Como isso foi feito? Pelas “exposições guerrilheiras”, pela publicação do livro e pelas várias estratégias de divulgação, como enfatizou o fotógrafo na sua lembrança:

Na época eu era ligado ao Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da UnB, cuja presidente era a Silvana Louzada, fotógrafa, nossa amiga, diletta e querida. E a Silvana disse: vamos fazer uma exposição no Diretório. E eu perguntei : como é que a gente vai fazer? O capitão de mar-e-guerra, que era o reitor da UnB, vai liquidar com a gente, ela disse não a gente faz durante a noite. Eu digo: está bem então será uma exposição guerrilheira. Nós entramos durante a noite, os estudantes de arquitetura tinham o hábito de passar a noite no laboratório de arquitetura e urbanismo fazendo projeto, tocando violão, namorando, enfim ficava por ali a noite toda. Então a segurança da UNB estava habituada com aquilo ali. Então a gente foi durante a noite. Eu ampliei as fotos, nós colocamos numa cartolina. Na manhã seguinte, os alunos chegaram para primeiro tempo de aula, se abriram as portas do laboratório de arquitetura, nós fomos para segundo andar e descemos um bandeirão da UNE e a estudantada toda entrou. Às 10 horas da manhã , quando finalmente a reitoria se organizou, tomou pé da coisa, já tinham passado 3 mil pessoas. O Jornal de Brasília já tinha sido avisado, Correio Brasiliense estava indo para lá, a estudantada toda se reuniu ali, e a segurança da universidade fechou a exposição e confiscou tudo. Aí, o Correio Brasiliense que não pode fazer a matéria me perguntou: e agora Guran ? E foi aí que eu não sei exatamente como a minha boca se abriu e eu disse assim: e agora só me resta fazer um livro (...) fazer um livro por que não é possível que um livro seja proibido, que não se possa (...) então os estudantes se reúnem, fazem um congresso dessa ordem e não é possível que nesse país só tenha capitão de mar-e-guerra para fechar, e confiscar livro, então nós vamos fazer o livro. Aí o Correio Brasiliense deu a notícia no dia seguinte, que eu ia fazer um livro da UNE, aí eu fiquei na obrigação de fazer o livro.¹⁰

.....
10 Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M.

A Livraria Galileu Editora que assumiu a publicação era um empreendimento editorial de esquerda que se comprometeu a ampliar a tiragem para cinco mil exemplares, com somente uma ressalva: a de não colocar UNE no título, para evitar perseguições, posto que a UNE não estava legalizada naquele momento. Para garantir a presença do registro do evento uma estratégia foi utilizada, a de colocar na capa do livro uma foto com os dizeres: “A UNE somos nós”.

A tática de publicação de um livro de fotos e as exposições guerrilheiras foram eficientes para dar visibilidade ao acontecimento. Paralelamente, orientavam o compromisso com a necessidade de ocupar um papel testemunhal e, ao mesmo tempo, de incorporar a subjetividade na produção do testemunho ficam evidentes na estratégia adotada pela cobertura, na forma como o próprio fotógrafo concebe o ato fotográfico e o diferencia das demais maneiras de registrar:

E assim, esse livrinho, que é a primeira reportagem fotográfica inteira publicada de forma independente –eu não tenho notícia de outra– é uma cobertura de evento, isso não é um ensaio! Isso é uma cobertura de evento político! Um evento político (...) E o que é determinante aqui são os fatos que aconteceram, isso é uma cobertura factual, entendeu? Eu não fui à Bahia fotografar o que me desse na veneta. Eu fui à Bahia fotografar um acontecimento. (...) Uma crônica seria um comentário sobre esse acontecimento, a crônica é sempre um comentário, por isso ela é crônica, isso não é um comentário, isso é uma descrição densa do acontecimento, tem termos fotográficos, e o ensaio não é sobre o acontecimento, o ensaio inclusive descaracteriza o acontecimento, quando tem um acontecimento muito grande, você pode entrar no acontecimento e extrair imagens daquele acontecimento que não tem o objetivo de descrever o conjunto do acontecimento, tem o objetivo de apresentar uma versão pessoal do acontecimento a partir dos seus pressupostos internos (...) Uma coisa é o envolvimento e outra coisa é o compromisso, então é o seguinte: o meu compromisso aqui era de produzir um documento que desse conta, para os meus contemporâneos e para a posteridade, do que foi o congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (...) Esse é o meu compromisso. A minha alma de poeta faz com que, vislumbrando a poesia em algum aspecto, eu procure captá-la em fotografia, isso aí é outra coisa, é um diletantismo meu que acontece ao mesmo tempo em que eu estou envolvido nessa problemática aí, entende?¹¹

Assim a construção do compromisso na produção da reportagem se define pela total imersão na cena histórica, na capacidade do sujeito-fotógrafo de se identificar com a causa a ser fotografada:

Então, eu tive aqui nesse trabalho, a preocupação de descrever um acontecimento, então o livrinho apresenta as coisas em ordem cronológica. E eu cheguei lá antes do congresso começar. O congresso começava no dia 29 de maio de 79. Eu cheguei no dia 28 de maio, senti o clima da cidade, no dia 29 quando amanheceu o dia eu estava lá no centro de convenções. Então eu passei às 24 horas inteiras até o dia 30 de maio e o congresso terminou no dia 31 de maio às 4:30 da madrugada. E eu fiquei lá, sem sair, com a mesma roupa, dormindo encima dos bancos, como, aliás, todo mundo ficou, inclusive por que o negócio era longe à beça, a barra era pesada, e ocorreram vários acontecimentos desagradáveis, agressões, atentados, intimidações então ninguém saiu de lá, e eu fiquei lá também. (...) eu era um garotão, misturado

.....
11 Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M.

com todo mundo, estava lá entre os simpatizantes (...) eu fotografei tudo o que eu achava importante, eu representei na foto todo o tipo de gente que apareceu ali e eu dei destaque a tudo aquilo que eu achava que era politicamente relevante dentro da perspectiva de que isto era uma manifestação da sociedade civil. Então quer dizer, eu estava inserido dentro de um contexto político maior e dentro de uma cidade específica e um momento político específico. Eu, como a maioria das pessoas ali, como todo mundo, nós tínhamos a perfeita consciência da manipulação que estava sendo feita pelo ACM, pelo regime militar, e tudo mais. Quer dizer, não tinha nenhuma inocência ali. Foi tudo feito com luz natural, sem flash em nenhum momento, todas as fotos apresentadas aqui estão com a integridade do negativo, para que isso ficasse bem claro eu botei a borda preta do negativo, para dizer que não houve corte, dentro da tradição documental francesa da primeira metade do século XX. Isso significa que existe aqui o compromisso do fotógrafo de mostrar que ele não cortou¹²

Na cobertura do congresso estudantil, foram produzidas mais de quinhentas imagens, dentre as quais, cinquenta e seis ganharam visibilidade pelas táticas da divulgação possíveis dentro condições históricas da época e foi, justamente, essa tática, de se tornar público o trabalho, que garantiu a sua posteridade. Principalmente, devido a perda dos negativos das demais fotografias produzidas na cobertura, como menciona Guran na entrevista, em um incêndio criminoso que a Agência Agil¹³ sofreu em meados dos anos 1980.

Dentre esse conjunto de imagens que, como peças de um mosaico, poderia ser reordenado ao sabor do compromisso político com a causa, me concentro naquela que foi eleita a foto da capa pelo próprio Guran. A opção foi justificada pela eficiência da fotografia em sintetizar o momento de fim do encontro da UNE e de, ao ser colocada na capa, incluiu a sigla UNE no título garantindo que o referente da imagem fosse o próprio acontecimento. No entanto, sua escolha revela que a fotografia como um gesto de engajamento, de compromisso com uma causa, pode vislumbrar um poema. Com esse gesto o autor, as pessoas fotografadas e todos aqueles que veem a foto se colocam em jogo na imagem. Somos como nos mostramos nas imagens, mas não somos mais aquilo que éramos no momento da captura da fotografia. Essa é uma aporia temporal com a qual qualquer fotografia deve enfrentar.

Ao longo da entrevista, Guran foi descrevendo as várias fotografias e evidenciando a construção daquilo que ele denominou de discurso visual. Ao chegar à última imagem, a foto escolhida para a capa, identificada pelo fotógrafo como um poema visual, eu pedi que ele a comentasse e o pedido foi prontamente atendido:

.....
12 Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M.

13 A AGIL Fotojornalismo foi uma agência de fotógrafos independentes criada em Brasília no início de 1980 por Milton Guran, Chico Neiva, Eliane Motta, Rolnan Pimenta sendo esses dois últimos formam, posteriormente, substituídos por Duda Bentes, Beth Cruz, Kim-ir-Sen, Júlio Bernardes, André Dusek.



Foto 12. 04h 30min h da madrugada 31 de maio de 1979

Vou comentar, ela tem como legenda: “04h30min da madrugada de 31 de maio de 79”. E ela é um desses trailers que vende sanduíche, branco, com uma pichação em cima: “UNE - somos nós” e um casal se abraça. Tem um rapaz e uma moça que tão se abraçando, é um casal, é um abraço de amor, mas não é um beijo, não é um abraço romântico, é um abraço mesmo, é um abraço forte, um abraço de uma moça e um rapaz, e um abraço, sobretudo de seres humanos que tão juntos nisso aí, não é um abraço sensual, um abraço romântico, é um abraço que foi além de tudo, esse casal de namorados, foi lá (...) Eu estava indo embora, com o equipamento na mão, fotógrafo, com a máquina pendurada, fotografando tudo, caminhando, a gente era 10.000 para sair dali, o congresso tinha acabado, a gente ia andando, não tinha condução, não tinha nada, a gente tinha que sair em grupo, era clandestino, ninguém sabia, aquela coisa, clandestino entre aspas, né? Então, lá fomos nós e eu vi essa cena e naturalmente, percebi logo o alcance simbólico disso aí, e cravei. Isso aí é um 60/5.6, 30/5.6, com a lente normal, 30 de velocidade e 5.6 de diafragma, com a máquina na mão não se vê rosto. Anos depois, em uma manifestação por eleições diretas na frente do Congresso Nacional e eu fui procurado por uma moça que veio falar comigo eufórica e disse assim: Você é o Milton Guran? Eu disse sou. E você quem é? Eu sou a garota da foto! Eu sou a garota da UNE! Ela estava feliz por que ela era a garota da UNE! (...) Então, essa foto que fecha o livro, na verdade, é a síntese dessa assembleia de estudantes.¹⁴

Aqui, não vou me deter na análise da mensagem fotográfica, pois seria desnecessário face à eloquência da fonte oral, prefiro recuperar uma reflexão de Agamben onde ele afirma que “a imagem fotográfica é sempre mais que uma imagem: é o lugar de um descarte, de um fragmento sublime entre o sensível e o inteligível, entre a cópia e a realidade, entre a lembrança e a esperança” (p.29). O ato fotográfico implica num corte na continuidade de um mundo visível em estado de movimento e isso fica explícito no relato acima. Ombro a ombro, com os camaradas que compartilha o compromisso de lutar até o fim, gasta toda a sua munição, até o último rolo de filme. Coisa alguma ficará sem memória, ninguém deixará de existir na História.

.....
14 Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M.

O interessante é que essa imagem não revela rostos, mas identifica sujeitos; não inclui paisagens, mas situa o espaço. Não aponta o tempo, mas os papéis pelo chão, o trailer fechado e o abraço cansado definem a experiência de um fim. Não apresenta o evento, mas indica a sua presença pelas marcas textuais e pela palavra de ordem *UNE somos nós*. A composição cria um poema visual que define a fotografia como gesto e o engajamento como autoria.

Bibliografia

- Agamben, G. (2007). *Profanações*. São Paulo: Boitempo.
- Ferreira, M. de M. (1996). A reforma do Jornal do Brasil. In: Abreu, A. A. de (org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50* (pp. 141-156). Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Louzada, S. (2013). *Fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF.
- Mauad, A. M. (2007). Milton Guran, a fotografia em três tempos. En *Studium*, Unicamp, Recuperado de <http://www.studium.iar.unicamp.br/28/1/index.html>
- Mauad, A. M. (jan-jun 2008). O Olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. *Artcultura, Uberlândia*, 10 (16), 31-48.
- Mauad, A. M. (2011). Committed Eye: Photographs Oral Sources and Historical Narrative. In: Thomson, A. y Freund, A., *Oral History and Photography* (pp. 223-239). Nova York: Palgrave Macmillan.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3), 3-15. Recuperado de: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>
- Vasquez, P. (s/f). *Biografia Luiz Humberto, Brasil Memória das Artes*. Rio de Janeiro: Funarte. Recuperado de: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/infoto/biografia-de-luiz-humberto/>
- Zerwes, E.; Costa, E. A. (2017). Os Colóquios Latino-Americanos de Fotografia e a institucionalização de uma fotografia brasileira. *REB. Revista de Estudos Brasileiros*, 4(8), Segundo Semestre. doi:<https://doi.org/10.3232/REB.2017.V4.N8.3073>, acesso em 11/09/ 2018
- Jornal do Brasil (s/f). En: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getulio Vargas, Verbetes, Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro - DHBB, Rio de Janeiro. Recuperado de <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>.

Fuentes primarias

- Jornal do Brasil* (1979), en línea. Disponible en: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>
- Guran, Milton (3 de septiembre de 2009). Entrevista de Mauad, A. M. Depositada no LABHOI-UFF. Recuperada de www.labhoi.uff.br
- Ciclo de Palestras sobre Fotografia* (1982). Rio de Janeiro, 27 outubro/29 dezembro, Nº 1. (Especialmente os depoimentos de Nair Benedicto, Assis Hoffmann, Milton Guran e Zeka Araújo).
- Azoury, R.; Lima, I. e Ripper, J. (org.) (1982). *Sobre Fotografia*, Rio de Janeiro: sindicato dos Jornalistas/RJ e Funarte.
- Folder da exposição *1979 – un monumento a instantes radicales*. Organizada em La Virreina Centre de la Imatge, da cidade de Barcelona, del 11 de marzo al 12 de junio de 2011. Recuperado de www.virreina.bcn.cat
- Guran, M. (1979). *O Encontro na Bahia: XXXI Congresso da UNE*. Brasília: Livraria Galilei Editora.